

Aula 3

FUNDAMENTOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EAD

**Maria Neide Sobral
Flora Alves Ruiz**

INTRODUÇÃO

Caro aluno, este texto foi preparado com o objetivo de ajudá-lo a compreender a dinâmica da prática pedagógica em EAD. Para cada etapa foi proposta uma atividade que deverá ser desenvolvida e inserida em seu **Diário On-line**.



QUESTÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EAD

Nesta terceira e última Unidade, levantaremos algumas questões a respeito da prática pedagógica em EAD. Inicialmente, a EAD era utilizada para atender alunos que, por diversos motivos, não dispunham dos meios para freqüentar o ensino presencial. O ensino a distância era oferecido fora do sistema formal e sua abordagem pedagógica se fundamentava na **Instrução Programada**.

Sua metodologia respaldava-se na compreensão de que o treino, o exercício, a cópia, a repetição e a reprodução de modelos levam o aluno a fixar o conhecimento. Ler e escrever, perguntar e responder eram estratégias utilizadas para que ele aprendesse os conteúdos transmitidos através dos diferentes meios de comunicação: nos impressos (livros, módulos, cadernos etc), nos programas de rádio e de TV-vídeo ou mesmo em programas de multimídia.

Ver glossário no final da Aula

SOBRE MÍDIA

“Mídia é um termo usado para referenciar um vasto e complexo sistema de expressão e de comunicação. Literalmente, ‘mídia’ é o plural da palavra ‘meio’ cujos correspondentes em latim são ‘media’ e ‘médium’, respectivamente.

Na atualidade, mídia é uma terminologia usada para: suporte de difusão e veiculação da informação (rádio, televisão, jornal), gerar informação (máquina fotográfica e filmadora).

A mídia é organizada pela maneira como uma informação é transformada e disseminada (mídia impressa, mídia eletrônica, mídia digital), além do seu aparato físico e tecnológico empregado no registro de informações (fita de videocassete, CD-ROM, DVDs).”

Essas informações foram colhidas no Programa de Formação Continuada em Mídia na Educação. www.euproinfo.mec.gov.br/. Acesso em 10/11/20007.

Com a Internet e a criação de espaços ou ambientes de aprendizagem, a EAD tem sofrido modificações em sua prática de ensino, a despeito de manter-se em muitos cursos uma conotação estritamente tecnicista, em que o computador é usado apenas como um instrumento de mediação de novas aprendizagens, da mesma forma como têm sido os impressos, o rádio e a TV. Entretanto, no ambiente virtual, constituído como um espaço de aprendizagem, formas de interação e interatividade têm levado a consti-

tuir as chamadas comunidades virtuais de aprendizagem, numa dinâmica que lhe é própria, desenvolvendo competências para pensar, sentir e agir (PERRENOUD, 1999). Os meios foram criados para que a ausência seja cada vez mais presente.

É preciso salientar que a EAD é, antes de tudo, uma modalidade de ensino, norteadada por uma filosofia que sustenta o seu projeto pedagógico. Pensar em EAD é pensar na educação como um todo, dispondo, portanto, de um projeto político pedagógico.

Pensando assim, nesta terceira Unidade, levantamos alguns aspectos importantes que fundamentam a prática pedagógica em EAD, articulando-os em atividades práticas.

ATENÇÃO

Cabe lembrar que a EAD:

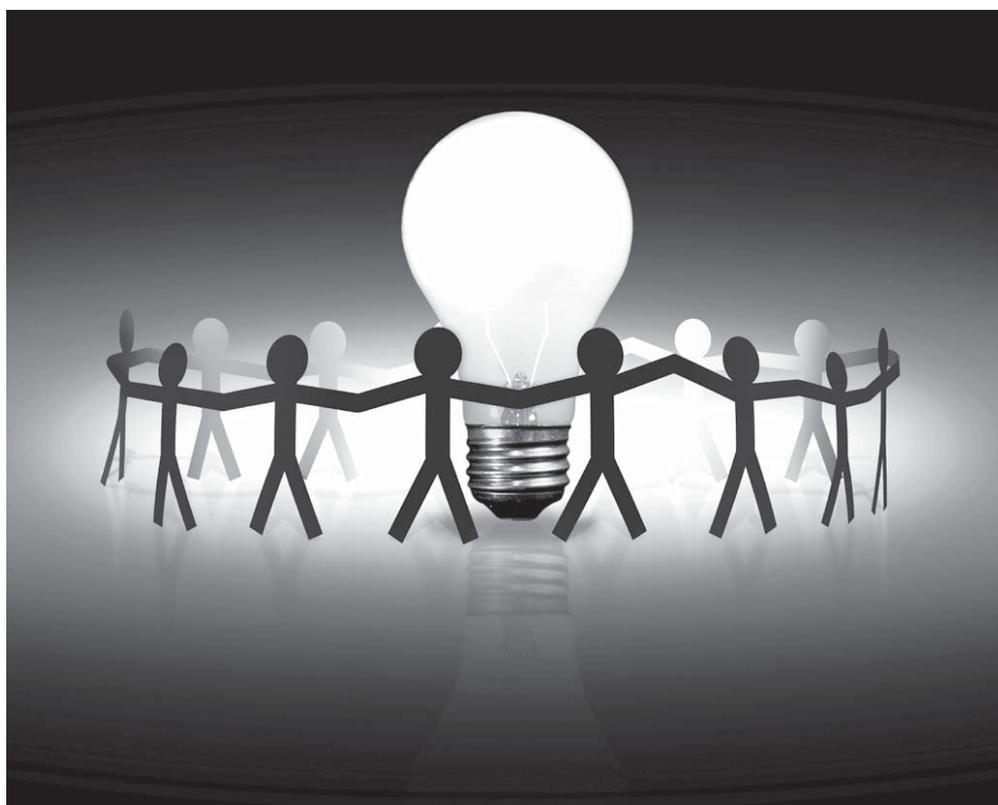
- amplia oportunidades educacionais, ajudando na democratização do ensino;
- familiariza os sujeitos com as tecnologias da informação e da comunicação, com respostas mais rápidas e flexíveis;
- é um processo educativo que reduz barreiras;
- é flexível quanto ao espaço onde estudar, em que velocidade e quando estudar, pois o aluno assume o processo de aprendizagem,
- propicia uma educação permanente, atendendo, assim, às aspirações e necessidades do aluno, proporcionando a superação de suas dificuldades profissionais;
- e mais, é uma modalidade de educação que recria as relações entre máquinas, homens e natureza.

PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EAD – QUAL CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO?

As mudanças provocadas pelos avanços científicos e tecnológicos no mundo globalizado têm levantado questionamentos sobre a formação de professor, exigindo novo redimensionamento das práticas pedagógicas das agências responsáveis pela formação inicial e continuada desses profissionais. Uma delas é a urgência de incluir em seus currículos os usos das tecnologias da comunicação e da informação, como um dos elementos estruturantes da prática educativa.

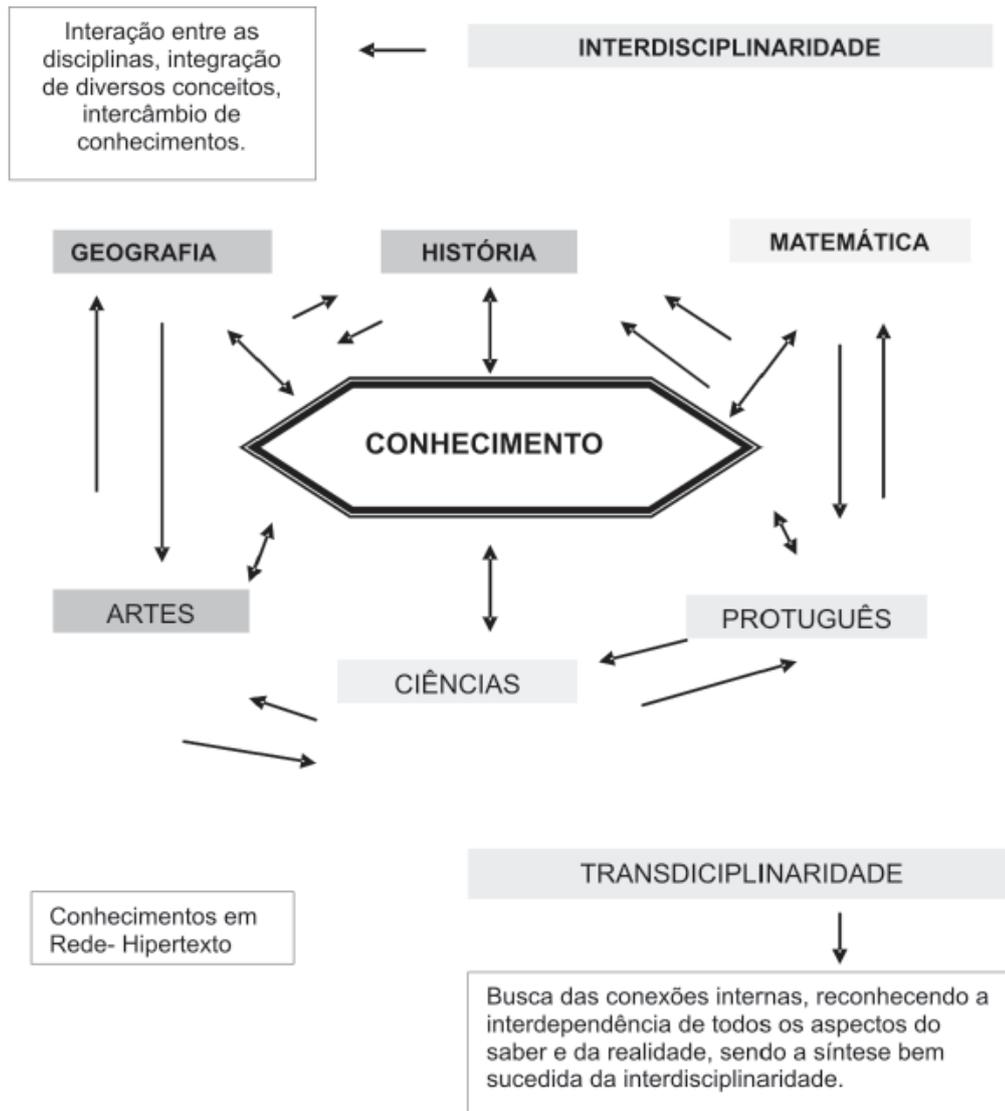
Nesse contexto, novas categorias sociais se colocam para a escola: discurso da autonomia escolar; elaboração do projeto político-pedagógico; participação, compreensão de uma cidadania planetária; compreensão das implicações do processo de globalização, na economia, na cultura e na história e a busca incessante pelas relações internas entre as diferentes disciplinas (interdisciplinaridade/transdisciplinaridade) (GADOTTI, 2001).

A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, no processo de construção de conhecimento, compõem a pauta da proposta educativa do MEC. Interdisciplinaridade como a interação entre duas ou mais disciplinas, integração de conceitos diretores, de metodologia e de pesquisas, permitindo o intercâmbio entre os conhecimentos/saberes; e transdisciplinaridade como a interdependência de todos os aspectos do saber e da realidade, sendo a síntese dialética provocada pela interdisciplinaridade bem sucedida.



<http://capitalintelectual.tv/wp-content/imagem-radar-texto-2.jpg>

Observe o esquema que apresentamos, verificando as diferentes conexões que as áreas de conhecimento podem estabelecer. Dessa forma, pensa-se em uma rede de saberes que se integram (interdisciplinaridade) e compõem um todo a partir dessa integração (transdisciplinaridade).



O debate educacional atual em relação à Educação Básica no Brasil e à formação do professor passa, necessariamente, pela compreensão das mudanças provocadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96). Há novos desafios para a formação do professor, com significativas mudanças no seu modo de ensinar e de aprender, quebrando as barreiras disciplinares.

Essa visão privilegia aspectos metodológicos e técnicos para trabalhar sua disciplina, estabelecendo ligações com as demais. Se compreendermos que a educação pode ser uma prática social e cultural que se alicerça nesses conhecimentos científicos e tecnológicos, para efetivá-la assim é necessário acompanhar as discussões sobre as mudanças na prática educativa. Já não é possível ensinar que uma árvore é composta de partes e nomeá-las sem levar em conta as relações de interdependência entre a árvore e o solo, entre a árvore e a vida planetária, a troca de elementos vitais entre todos os seres vivos e não-vivos do planeta. Isto significa afirmar que a árvore é mais do que a soma das partes.

A concepção que se tem da Educação está umbilicalmente relacionada à prática que se desenvolve tanto no ensino presencial convencional quanto no a distância:

- de um ensino mais verbalista, para outro mais criativo e crítico;
- de uma aprendizagem puramente memorialística e passiva para outra mais construtivista e ativa;
- de uma relação professor-aluno impessoal e massificada para uma interação mais próxima e efetiva.

Há um deslocamento dos métodos centrados no ensino para os centrados na aprendizagem. Nesse caso, o ensino presencial e o a distância devem ser pensados a partir de princípios que sustentam toda e qualquer prática educativa. Neder (2005, p.78) chama atenção para isso.

Ao iniciar a argumentação a respeito da EaD como uma modalidade de organização do processo de ensino e de aprendizagem, darei ênfase a uma questão que julgo central na discussão desse tema: a essência da EaD está não somente na sua adjetivação (a distância), mas também naquilo que lhe é substantivo (educação). Antes de se pensar a respeito da forma de organização do projeto pedagógico: presencial, semipresencial, modular, a distância, etc, é preciso pensar a respeito do significado que atribuímos à educação.

Teríamos dois paradigmas de educação, segundo Moraes (1997)

ÊNFASE NA APRENDIZAGEM	ÊNFASE NO ENSINO
<ul style="list-style-type: none"> • A REALIDADE VISTA COMO UMA TOTALIDADE INDIVISÍVEL; • ÊNFASE NOS PROCESSOS DE CONTRUÇÃO DO CONHECIMENTO; • OS "ERROS" COMO ETAPAS A SEREM VENCIDAS; • SUPERAÇÃO DAS BARREIRAS ENTRE AS DISCIPLINAS. 	<ul style="list-style-type: none"> • CONHECIMENTO OBJETIVO, DO SIMPLES PARA O COMPLEXO; • CONTEÚDO MEMORIZADO, REPETIDO E COPIADO; • OS "ERROS" SEVERAMENTE CORRIGIDOS; • AS DISCIPLINAS COMO EIXO DO CURRÍCULO.



Você poderia desenvolver os tópicos desses dois quadros e responder qual deles trabalha numa perspectiva interdisciplinar/transdisciplinar?
Insira sua resposta em seu Diário On-line!!!!

UMA PESQUISA SOBRE O USO DA MÍDIA NA ALFABETIZAÇÃO: ÊNFASE NA APRENDIZAGEM

Será que há diferença entre a utilização do computador como recurso didático e como ferramenta auxiliar na aprendizagem? Pense!!!!

Numa pesquisa realizada nas séries iniciais do ensino fundamental de Aracaju (BOMFIM; SILVA, 2003a) sobre o Projeto de Alfabetização com o Uso das Multimídias (PAM), em 2001, baseado em uma concepção de aprendizagem centrada no aluno, o computador, entre outras mídias, deveria assumir o papel de ferramenta auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, proporcionando ao aluno trabalhar em diferentes áreas de aprendizagem e realizar sucessivas ações, reflexões e criações de modelos intelectuais próprios. No entanto, verificamos que esta ferramenta era usada como mais um recurso didático para facilitar a aprendizagem dos alunos.

O projeto foi norteado por idéias de: Piaget e Emilia Ferreiro (Construtivismo); Vygosty (Histórico-cultural); Paper (Construcionismo) e Valente (aprendizagem com computador). Atente para algumas considerações que vamos tecer a respeito das idéias que nortearam esse projeto.

Os estudos feitos por Emilia Ferreiro e Ana Teberosk (1989) sobre o modo como a criança aprende a construir sua escrita foram subsidiados pela Teoria da Inteligência de **Piaget**. Elas descobriram que as crianças formulam hipóteses em suas tentativas de escrita, atuando de forma ativa e inteligente. O erro não é “erro”, como o consideramos, mas um fator de aprendizagem, uma etapa que será vencida à medida que a criança vai aprendendo. Isto muda muito nossa visão do processo pedagógico. Tentar entender o raciocínio do aluno no seu processo de aprendizagem, não olhando o “erro” como uma coisa ruim, que deve ser cortada e descartada, mas como uma etapa da aprendizagem do aluno.

Ver glossário no final da Aula

Os estudos feitos por Emilia Ferreiro e Ana Teberosk (1989) sobre o modo como a criança aprende a construir sua escrita foram subsidiados pela Teoria da Inteligência de **Piaget**. Elas descobriram que as crianças formulam hipóteses em suas tentativas de escrita, atuando de forma ativa e inteligente. O erro não é “erro”, como o consideramos, mas um fator de aprendizagem, uma etapa que será vencida à medida que a criança vai aprendendo. Isto muda muito nossa visão do processo pedagógico. Tentar entender o raciocínio do aluno no seu processo de aprendizagem, não olhando o “erro” como uma coisa ruim, que deve ser cortada e descartada, mas como uma etapa da aprendizagem do aluno.

Emilia Ferreiro, psicóloga e pesquisadora argentina, radicada no México, fez seu doutorado na Universidade de Genebra, sob a orientação de Jean Piaget. Na Universidade de Buenos Aires, a partir de 1974, como docente, iniciou seus trabalhos experimentais, que deram origem aos pressupostos teóricos sobre a Psicogênese do Sistema de Escrita, campo não estudado por seu mestre, que veio a tornar-se um marco na transformação do conceito de aprendizagem da escrita pela criança. http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/biografia_emilia_ferreiro.htm

Ana Teberosky é uma das pesquisadoras mais respeitadas quando o tema é alfabetização. A Psicogênese da Língua Escrita, estudo desenvolvido por ela e por Emilia Ferreiro no final dos anos 1970, trouxe novos elementos para esclarecer o processo vivido pelo aluno que está aprendendo a ler e a escrever. A pesquisa tirou a alfabetização do âmbito exclusivo da Pedagogia e a levou para a Psicologia. Doutora em Psicologia e docente do Departamento de Psicologia Evolutiva e da Educação da Universidade de Barcelona, ela também atua no Instituto Municipal de Educação dessa cidade, desenvolvendo trabalhos em escolas públicas. http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0187/aberto/mt_102020.shtml

Normalmente quando pegamos um trabalho ou uma prova para corrigir, nossos olhos se voltam para os erros e muito pouco para os acertos. Nunca paramos para pensar nas hipóteses que o aluno tinha em mente para raciocinar daquele jeito e não de outro, cometendo determinado erro. Apenas corrigimos a questão e reduzimos a nota dele.

Quando refletimos sobre o que nos diz **Vygotsky** (1991) acerca da aprendizagem, verificamos sua ênfase sobre o papel social do sujeito na construção do conhecimento, pois ao longo da vida a criança constrói suas experiências, hábitos, valores e costumes a partir da interação com o outro, cabendo à escola aproximar a experiência da criança à cultura escolar que pretende desenvolver.

Ver glossário no final da Aula

Em relação a **Papert** (1984), podemos afirmar que sua contribuição está no entendimento de que o computador é uma ferramenta importante na construção do conhecimento, levando os alunos a trabalhar em diferentes áreas, realizando sucessivas reflexões e abstrações de forma a criar modelos intelectuais próprios.

Valente (2002), por sua vez, contribui com a abordagem construtivista, em que o aluno controla seu processo de aprendizagem no saber fazer-fazendo. Seu foco é o uso inteligente do computador na educação.

Essas idéias sobre aprendizagem que sustentam teoricamente o Projeto de Alfabetização com uso de Multimídias, foram utilizadas para orientar os professores no desenvolvimento de sua prática pedagógica através das mídias, dando centralidade ao processo de construção pela criança.

Porém, verificamos que nem todos os professores, durante a pesquisa, conseguiram atingir os objetivos do projeto, pois não basta utilizar as mídias na sala de aula para que a aprendizagem aconteça. Elas podem até motivar os alunos na realização das tarefas escolares, mas não garantem uma mudança mais profunda na forma de ensinar do professor e de aprender do aluno. É preciso ressignificar todo o modo de pensar o pedagógico e realizá-lo, tomando como suporte as multimídias.

Gostaríamos de ressaltar que não basta utilizar as multimídias na sala de aula sem que se tenha mudado a nossa visão de ensinar e aprender. Pois se agirmos assim, faremos uma aula diferente, mais atrativa, mas sem modificar profundamente a aprendizagem dos alunos.

Quando estamos tratando da prática pedagógica em EAD, temos sempre essas idéias em mente. Que o ensino deve ser centrado na aprendizagem do aluno, pois ele aprende com o outro e com o material didático (impresso, visual, virtual etc), mediado por meios de comunicação (correio, rádio, TV, Internet etc), em ambientes que possibilitem ampla interatividade entre o aluno e a máquina (computador) e interação entre ele e os tutores, professores e colegas.

De modo mais resumido, podemos dizer que, em EAD, o ensino é centrado na aprendizagem do aluno, com a mediação das tecnologias da informação e da comunicação (TICs). Segundo Belloni (1999, p.63), “a mediação das mensagens pedagógicas está, pois, no coração dos processos educacionais em geral e, em particular, no ensino a distância”, isto implica “codificar as mensagens pedagógicas, traduzindo-as sob diversas formas, segundo os meios técnicos escolhidos”.

O QUE É AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA)?

Ao ler sobre a prática pedagógica em EAD, constatamos, portanto, que ela é pensada e realizada com base em determinados princípios, com a mediação no processo de ensino pelas TICs e a exigência da centralidade no processo de aprendizagem do aluno. Por isso é tão importante acreditar que você precisa mobilizar suas habilidades e competências para superar as dificuldades de aprendizagem na sua interação com o **Ambiente Virtual de Aprendizagem** e nas interlocuções que fizer através de correio eletrônico, chats, fórum etc., com seus colegas e tutores.

Pierre Lévy (2007), filósofo francês, resalta que há uma oposição enganosa entre o real e o virtual, já que, em uso corrente, a palavra virtual é usada para significar a ausência de algo, do existente. O real é a presença material, a realidade. Será que podemos pensar nesses termos? “A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência” (p.15).
Caso deseje aprofundar o tema, leia:
LÉVY, Pierre. O que é virtual? Tradução de Paulo Neves. 8. reimp. Rio de Janeiro: Editora 34, 2007.

No contexto das tecnologias da informação e da comunicação, a informática tem sido cada vez mais disseminada nas escolas como mais um recurso para apoiar a aprendizagem do que uma ferramenta cognitiva para a construção do conhecimento. Mas a verdade é que essas tecnologias assumiram novo papel no processo educativo, modificando nossa maneira de ensinar e de aprender. **Na Internet**, o conhecimento em rede incorporou o texto impresso, o áudio, o vídeo e a TV, transformando-os em um novo texto, o **hipertexto**, que aglutina mensagens, idéias, imagens e sons, num movimento dinâmico, circular e em labirintos, cujas saídas são sempre imprevisíveis, inesperadas, surpreendentes, ou mesmo frustrantes, de acordo com a forma fluida e descontínua do Ambiente Virtual (LÉVY, 1997).

Ver glossário no final da Aula

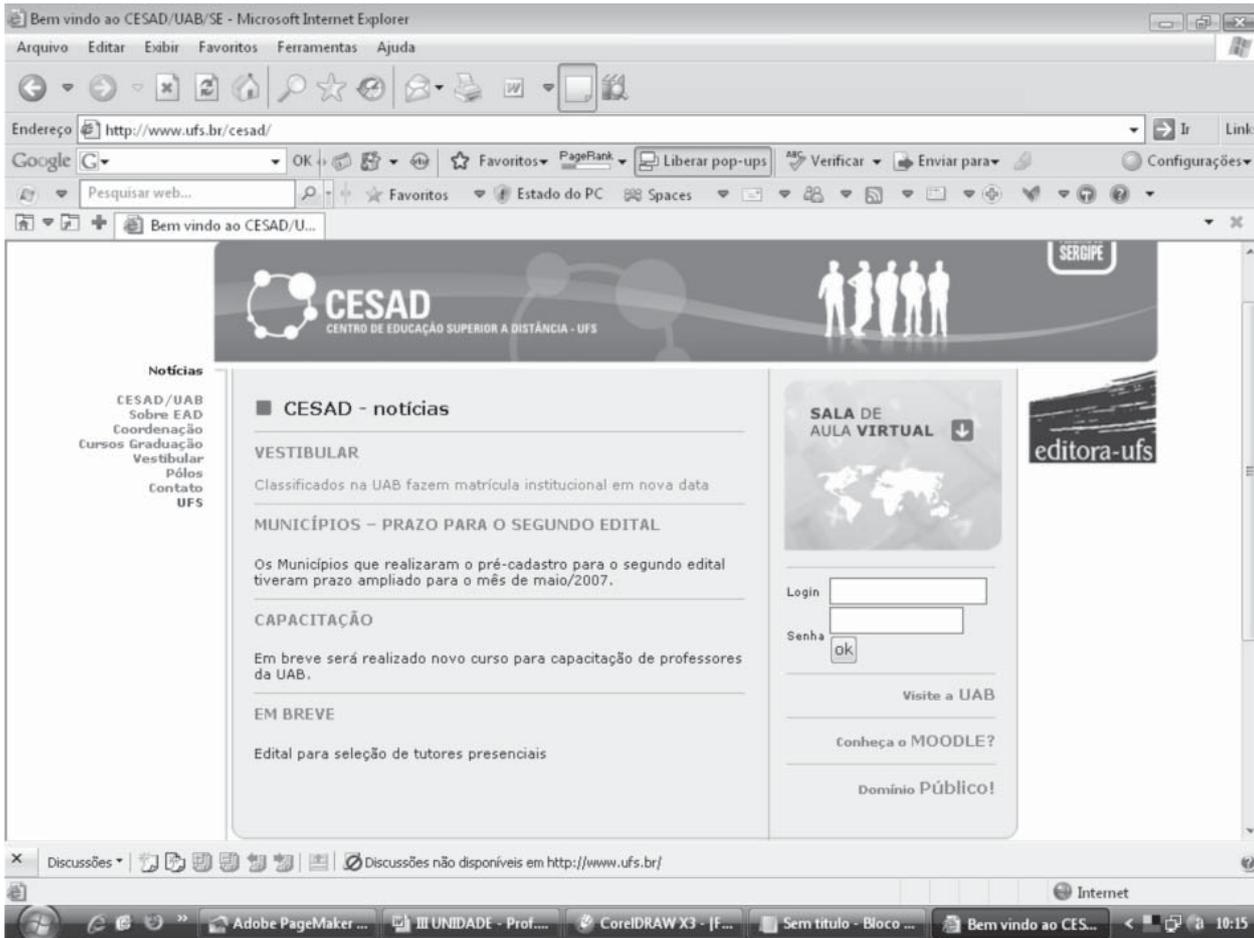
No Ambiente Virtual, o internauta parece andar em labirintos, muitas vezes alcançando o que almeja, outras frustando-se por perder-se em vários links de pesquisa sem conseguir encontrar o que busca. Mesmo que a Internet amplie imensamente as possibilidades de pesquisa, incorporando várias mídias, a construção do conhecimento não dispensa a pesquisa em livros, revistas, jornais etc., em instituições de pesquisa e bibliotecas cuja materialidade do impresso encerra uma criação cultural de riqueza histórica inigualável.

Nas origens da Educação a Distância, como você já estudou, a relação entre o professor/tutor e os alunos era bidirecional, isto é, de um para muitos. Mandava-se o material impresso ou transmitia-se o audiovisual para o aluno e este realizava as atividades e as enviava para o tutor. Com a Internet, a relação ficou multidirecional, formando-se comunidades de aprendizagem virtual, de cunho colaborativo e reflexivo.

Os processos de sociabilidade entre professores e tutores, entre estes e os alunos e entre os próprios alunos ampliam-se imensamente com as trocas de mensagem através de e-mail, bate-papos em tempo real, proporcionando novas formas de relacionamento e de aprendizagem impensáveis em décadas atrás.

Certamente você já tem conhecimento sobre essas diferentes formas de relacionar-se através da Internet, mas já parou para pensar em que medida estas relações se aproximam ou se distanciam daquelas que você estabelece presencialmente, numa sala de aula do ensino convencional? Da mesma forma, será possível pensar nas relações entre os envolvidos no ensino presencial e no ensino a distância?

As facilidades oferecidas pelas tecnologias da informação e da comunicação possibilitam a interatividade entre o usuário e a máquina (o computador) e interação entre os professores/tutores e os alunos, compondo dois pilares importantes do processo de ensino a distância. A combinação desses dois elementos, no **Ambiente Virtual de Aprendizagem**, fundamenta a prática pedagógica na Educação a Distância.



É sobre esse espaço de aprendizagem criado para os alunos da Universidade Aberta e a Distância que vamos discorrer a seguir. Quando você acessar a Internet em seu computador e digitar www.cesad.ufs.br, de imediato, terá acesso ao espaço de aprendizagem virtual dos cursos oferecidos pela UFS, na modalidade de Ensino a Distância. Neste site, você dispõe de um conjunto de recursos que lhe permite navegar em diferentes direções: ter acesso ao programa de sua disciplina, aos recursos de aprendizagem, instruções para elaborar e enviar as atividades de cada disciplina, tarefas que devem ser realizadas, atividades de avaliação e seus resultados, fóruns com temas específicos, avisos e comunicações sobre seu curso, formas de contato com a Equipe da EAD e diálogos com colegas e tutores/professores. Cabe a você acessar e navegar a vontade para aprender nesse ambiente de aprendizagem e de socialização.

O site do CESAD está localizado na homepage da UFS, junto a tantos outros sites de serviços dessa universidade, cujo acesso pode ser feito através do endereço eletrônico www.ufs.br e, em seguida, clicar no atalho para o site do CESAD. Há, ainda, outra possibilidade de acesso, isto é, digitar diretamente o endereço www.cesad.ufs.br.

Apesar de a Universidade Federal de Sergipe ser uma instituição tradicionalmente voltada para o ensino presencial, tem desenvolvido ao longo da

última década experiências de ensino a distância, integrando, assim, as suas práticas convencionais. Atualmente, integra no corpus de sua estrutura organizacional o desenvolvimento sistemático e contínuo de atividades de ensino, pesquisa e extensão em Educação a Distância, com a criação do CESAD.

Esse é o Ambiente de Aprendizagem Virtual (AVA) que lhe foi criado. Nele, você encontrará: o conteúdo do material impresso que foi construído para você cursar cada uma das disciplinas, as formas de comunicação com seus tutores/professores e com a equipe do **CESAD**, links de pesquisas, espaço para anexar e enviar as atividades que realizar a distância, entre outras possibilidades interativas. Além disso, terá a sua disposição o Guia Geral do Curso e os projetos pedagógicos de cada curso na íntegra, bem como toda a legislação concernente à instituição do **CESAD**.

Esse ambiente foi produzido através de um software que será monitorado e atualizado, ao longo do desenvolvimento do curso, de modo a garantir imediata comunicação entre: alunos e tutores, os próprios alunos e alunos e equipe do **CESAD**. Trata-se de um programa elaborado com várias instruções (comandos, funções) para você executar de forma seqüenciada no seu computador. Seguindo essas instruções, terá mais facilidade de navegar nesse ambiente e de se deslocar para outros links indicados fora dele, em busca de informações. Certamente você já teve oportunidade de vivenciar inúmeras oportunidades de aprendizagem em ambientes como esse, e para aprimorá-las nesta nova fase é necessário que desenvolva sua capacidade de aprendizagem autônoma, assumindo o papel de gestor do seu processo de aprender.



Visite o site do CESAD e apresente suas impressões a respeito dele: facilidade de acesso, comunicabilidade com os colegas e tutores, design da página informações e disposição dos recursos de aprendizagem (material didático, programa, Diário On-line, Fórum etc).

Procuramos lhe dar algumas informações básicas sobre o Ambiente Virtual de Aprendizagem, que deverá ser acessado constantemente por você para realizar as atividades de seu curso. Cabe-lhe, a partir de agora, visitá-lo e descrever essa experiência: observar o design da página, a forma de distribuição dos recursos, a clareza (ou não) das instruções, suas dificuldades em encontrar o que procura, informações de que sentiu falta etc.

Sua tarefa é, portanto, fazer o relato do internauta, igual aos diários de bordo de viajantes em navios, só que desta feita, sua viagem foi no ciberespaço. Sabe o que significa essa palavra? Sim, então escreva para nós. Mas se você não sabe, faça uma nova viagem e busque o seu significado na Internet.

Quando encontrá-lo, insira-o no seu Diário On-line.

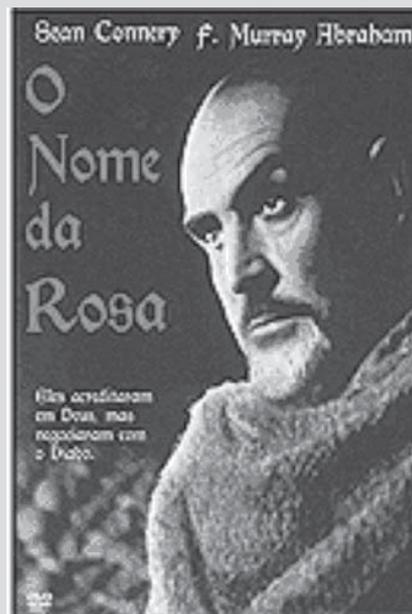
QUEM É E O QUE FAZ O ALUNO EM EAD?

Você não receberá, como historicamente tem-se feito, o conhecimento pronto para ser arquivado em sua memória e depois lembrado na hora da prova. Nem terá o professor para repetir em tempo presente o conteúdo que não conseguiu assimilar. Você mobilizará novas formas criativas e interativas de aprendizagem.

Baseando-nos em Paulo Freire (1997), ao tratar das exigências de saberes para o exercício da prática em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, coube-nos lembrar de algumas de suas idéias, já que este curso destina-se à formação de professores. Assim como ensinar exige pesquisa, ao aluno de EAD essa atividade será fundamental. Quando Freire (1997, p.32) afirma que “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, nós dizemos que em EAD não há aprendizagem sem pesquisa, pois só com ela o aluno busca, indaga-se, contesta, contrasta, questiona, reafirma, revê, cria e desenvolve-se como sujeito aprendiz.

Você já assistiu ao filme “O nome da rosa”? Ele foi baseado no romance homônimo de Umberto Eco. Tanto no romance quanto no filme, o papel dos copistas na Idade Média nos dá um bom indicativo do quanto essa atividade era importante, revestida de todo um ritual e representativa das relações de poder entre o que era escrito e podia (ou não) tornar-se público pelos antigos monges. Se não assistiu, não deixe de visitar uma vídeo-locadora para contemplar essa grande produção cinematográfica.

Ver crítica do filme em <http://criticanarede.com/>



Cartaz do filme O nome da rosa. (Fonte: <http://images.americanas.com.br/produtos/item/143/6/143640g.gif>).

Mas pesquisar não é copiar e colar. Isto é plágio. Os copistas foram muito importantes na Idade Média, mas hoje poderiam ser acusados de plagiadores. Trata-se de ler o que o outro escreveu, fazer suas intervenções, críticas e assimilações sem deixar de fazer referências às fontes de pesquisa. Tal prática exige ética, por isso, ainda citando Freire (1997, p.37), “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”.

Pesquisar na Internet ou nas bibliotecas, em arquivos e institutos de pesquisas não significa copiar do outro sem fazer referência à autoria. É preciso que você, aluno de EAD, desenvolva a capacidade de interpretar, criticar e elaborar sua própria versão do que leu.

Os cursos oferecidos pela EAD têm como perfil profissional a formação de um(a) professor(a) que desenvolva competências e habilidades não só em relação ao domínio do conteúdo da área que vai atuar, mas também em diferentes direções: conhecimento do papel desse profissional na sociedade, do papel social da escola, dos saberes pedagógicos que os leve a conhecer o aluno, os processos de aprendizagem, da organização do trabalho didático, entre outros. Esperamos que você leia o Projeto Pedagógico do seu curso para obter mais informações sobre este assunto.

Todo aprendizado exige uma reflexão sobre o conteúdo, interligando-o com sua função prática e/ou acadêmica. Estamos aprendendo isto para quê e por quê? Isto nos ajuda a estabelecer relações aproximativas com a realidade. Em algum momento na História, homens e mulheres sentiram necessidades ou foram impulsionados pela curiosidade, pelo estudo consequente e contínuo e por sua capacidade criativa para fazer descobertas, inventar coisas. Muitas dessas descobertas e invenções foram descartadas, viraram peças de museu ou ficaram no **ostracismo**, mas tantas outras passaram por processos de aperfeiçoamento, foram reinventadas e legadas ao nosso tempo. Pensar sobre o que aprendemos, porque aprendemos e como aprendemos é questão fundamental para todos, especialmente para o aluno de EAD que está se licenciando para ser professor.

Pois é, caro aluno, você está se formando para atuar como professor. Para pensar sobre os saberes que aprende como produto de um longo processo de produção científica, marcado com rupturas e mudanças. Isto implica dizer que esses saberes precisam e merecem ser socializados!

Ver glossário no final da Aula



Após ler o texto sobre o aluno EAD, gostaríamos que você escrevesse um relato sobre a história de sua aprendizagem escolar, assinalando pontos importantes de êxitos, dificuldades e nos enviasse este material, para, em seguida, comparar com o que expusemos a respeito da autonomia de aprendizagem exigida pelo curso em EAD.

Insira-o no seu Diário On-line.

QUEM É O TUTOR E O PROFESSOR DE EAD?

Quando pensamos no tutor e no professor de EAD, certamente que o modelo de professor do ensino convencional não nos serve. O uso mais intensificado das TIC torna o ensino mais complexo e exige do professor o desenvolvimento de múltiplas competências tanto para atuar no ensino presencial quanto no a distância.

Porém, Belloni (1999) faz a diferença quando se trata dessa segunda modalidade de ensino.

Mas, o EAD exige uma segmentação de trabalho maior das funções de selecionar, organizar e transmitir o conhecimento, exercidas nas aulas magistrais no ensino presencial, corresponde em EAD à preparação e autoria das unidades curriculares (cursos) e de textos que constituem a base dos materiais pedagógicos realizados em diferentes suportes (livro-texto ou manual, programas de áudio, vídeo ou informática); a função de orientação e conselho do processo de aprendizagem passa a ser exercida não mais em contatos pessoais e coletivos da sala de aula ou atendimento individual, mas em atividades de tutoria a distância, em geral individualizada, mediatizada através de diversos meios acessíveis. (BELLONI, 1999, p.80)



Fonte: http://www.masternewmedia.org/images/person-at-computer-collaboration-tools_id380635_size480.jpg

Os cursos de graduação a distância organizados pelo CESAD utilizaram esta mesma sistemática. Os professores dos diversos departamentos da UFS, responsáveis pelas disciplinas ofertadas, elaboraram o material que estará disponível no Ambiente Virtual de Aprendizagem e distribuído em forma de material impresso (livros) entre os alunos.

Os tutores foram submetidos a processo seletivo de provas e títulos para auxiliá-lo na compreensão dos conteúdos do material produzido pelos professores e no estabelecimento de contatos contínuos para a realização das atividades e superação de suas dificuldades. São formas de organização e funcionamento do seu curso que seguem, de um modo geral, um padrão mundial. Como a EAD amplia, em muito, o número de alunos atendidos, o processo de racionalização e segmentação do trabalho tornam-se necessários.

Macedo (1999) destacou a importância do entrosamento entre o professor que produz o material pedagógico e o tutor que orienta o pro-

cesso de aprendizagem. O fundamental é que estes profissionais estejam comprometidos em transformar informação em conhecimento, trabalhando numa perspectiva interdisciplinar. Isto implica não perder o chão de sua própria disciplina (domínio dos saberes de sua área de conhecimento), mas se permitir o contínuo diálogo e integração com outras disciplinas (áreas de saberes). Além disso, o diálogo entre os envolvidos neste processo é tão fundamental quanto no ensino presencial. Se não houver um diálogo face a face, deve havê-lo mediado pelo uso competente das tecnologias da comunicação e da informação, estimulando sempre o pensar reflexivo a respeito do quê, como e para quê se aprende o conteúdo estudado.

O tutor, em particular, orienta os alunos nos seus estudos, esclarecendo suas dúvidas e dando-lhes explicações a respeito dos conteúdos das disciplinas, participando também do processo de avaliação, normalmente já definida pelos professores que elaboraram o material da disciplina.

TUTORIA DO CURSO TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE: UM EXEMPLO

O Curso de Extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje, ofertado pela Universidade Virtual Pública do Brasil – UNIREDE em parceria com a Secretaria de Educação a Distância do MEC, foi o destinado à capacitação de professores das escolas públicas estaduais e municipais dos ensinos Fundamental e Médio nos usos dos audiovisuais, especialmente no enriquecimento das atividades de aprendizagem, bem como recurso auxiliar na gestão da escola e na articulação com a comunidade. Você já teve a oportunidade de estudar sobre isto no texto de apoio da Unidade II.



CNPJ N.º.
13.031.547/0001-04

Universidade Virtual do Brasil - UNIREDE

Curso: TV Escola e os Desafios de Hoje

Coordenação Geral: UFS

Coordenação Adjunta: SEED/SE



Gostaríamos que acompanhasse o trabalho da tutoria desenvolvido nesse curso.

A sistematização do acompanhamento do curso ocorreu através dos plantões da tutoria, com a realização de encontros presenciais, formação de grupos de estudos, visitas dos coordenadores a escolas para acompanhamento dos cursistas, bem como através de correspondências, atendimento presencial, por telefone, fax e e-mail. Durante os plantões, as atividades mais freqüentes foram: atendimento dos cursistas pelo telefone e de forma

presencial quando alguns deles procuravam o tutor para tirar dúvidas sobre o conteúdo do módulo.

Cabe salientar que em todos os Módulos os cursistas procuraram a tutoria muito mais para discutir as condições de realização do curso, buscar informações a respeito de prazos e dificuldades de acesso aos vídeos do que para orientações de cunho pedagógico, seguindo a mesma dinâmica das turmas anteriores. A comunicação entre tutor e cursistas foi feita predominantemente a distância, através dos correios, seguida, em menor número, por telefone e fax e poucas por e-mail. As diretorias regionais, em sua maioria, não dispunham da linha 0800, prejudicando a busca de informações e de esclarecimentos pelos cursistas. Mesmo assim, a descentralização da tutoria favoreceu uma maior proximidade entre tutor e alunos.

Quanto às avaliações de desempenho dos nossos cursistas, queremos informar que não houve reprovações devido ao nosso sistema de atendimento. Todos participavam ativamente das horas de estudo e, à medida que concluíam alguma unidade, procuravam-nos para verificar se estavam atingindo os objetivos, por isso os conceitos variaram entre regular e ótimo. (A tutora da DEA-Aracaju).

Semanalmente, foram realizadas reuniões entre tutores e coordenadores (pedagógico e operacional) para estudo do material impresso, discussão de vídeos, encaminhamento e debate sobre as dificuldades encontradas no desenvolvimento do trabalho. As tutoras de Lagarto (SE) incentivaram bastante os cursistas em suas cartas-resposta: parabenizando-os pelo ótimo trabalho desenvolvido, pela coerência das respostas, demonstrando uma clara compreensão dos objetivos. Fizeram apreciações sobre o Memorial, em que os cursistas retratavam seu aprendizado e suas experiências, apondo suas dificuldades na realização das atividades frente à precariedade da escola pública.

Você tem o direito de discordar, porém, no vídeo game há uma linguagem que utiliza imagens e ícones e pode auxiliar no desenvolvimento da inteligência. Do mesmo modo, sem você saber, aprende a pensar melhor enquanto desenvolve a capacidade de escrever. Há jogos de má qualidade, sem dúvida, como também existe péssima literatura, cabe a nós fazermos uma seleção.



Fonte: <http://www.racketboy.com/images/sega360-2.jpg>

No geral, os tutores destacaram que o trabalho foi muito bom, sentiram-se orientados nas questões de ordem pedagógica e operacional, ressaltando sempre o quanto este tipo de trabalho tem possibilitado a reorientação do próprio programa TV Escola nas DREs. No entanto, a tutora da UFS destacou alguns pontos que dificultaram o seu trabalho:

- horário reduzido (8 horas) em relação ao volume de trabalho requisitado pelo curso;
- falta de pessoal de apoio para realização de atividades burocráticas (selar carta, redigir cartas, confeccionar tabelas de acompanhamento etc.);
- dificuldade de contato com os cursistas provocado pelo preenchimento equivocado da ficha de inscrição.
- dificuldade de uso do telefone (indisponibilidade de acesso externo), do computador e do kit com acesso à programação do TV Escola;
- cursistas desmotivados devido a problemas enfrentados na carreira de magistério;
- dificuldade de contato com as escolas e com a DRE 08.

É interessante ressaltar alguns apontamentos dos cursistas a respeito da importância que este curso teve para a mudança de sua prática pedagógica e, sobretudo, da dificuldade em realizar estas mudanças face às condições objetivas de trabalho na escola. Esta observação foi consistente em todas as turmas. As questões enunciadas pelos cursistas no Memorial foram: falta de condições objetivas na escola para o desenvolvimento de um bom trabalho, diretores autoritários, falta de interesse dos alunos pelas aulas, jovens sem perspectivas, falta de material audiovisual para o Ensino Médio, necessidade de organização de uma videoteca, falta de conserto do kit tecnológico etc. Questionaram também a necessidade de formação continuada dos professores para os usos das multimídias, bem como a distância entre a realidade do aluno e a apresentada no debate do vídeo.



Propomos a você entrevistar seu tutor e traçar um perfil dele.
Insira a sua produção no seu **Diário on-line**.

PROJETOS PEDAGÓGICOS E APRENDIZAGEM COLABORATIVA NA INTERNET?

Pedagogia de projetos e/ou projetos pedagógicos

Neste início de milênio, o trabalho educativo através de projetos tem sido ressaltado como uma grande inovação no processo de ensino e aprendizagem, no entanto, ele remonta ao final do século XIX e início do século XX, com a difusão da Escola Nova, especialmente com as idéias de **John Dewey** e W. Kilpatrick. O ideário escolanovista ruiu as bases do ensino intelectualista, verbalista e memorialístico, em que o professor era a peça chave no processo de ensino/aprendizagem. O aluno passou a ser o centro do processo educativo, aprendendo através da experiência.

Ver glossário no final da Aula

Nascia, assim, a compreensão de que a educação é “fenômeno vital, tão inelutável como a própria vida” (DEWEY, 1978, p.16). Cabia à escola, portanto, ensinar praticando, despertando na criança a intenção de aprender, mediante a experiência vital. Para que a escola assumisse essa nova função social, formando o homem prático, racional e útil, necessário se fazia desenvolver uma prática pedagógica através dos chamados métodos ativos. Esses métodos se baseiam na manifestação do corpo e do espírito. “Em suma, os métodos ativos são objetivos, não porém, antiintelectuais; são práticos, não antiteóricos; são realistas, não porém, antiidealistas; são vitais, não porém, antisociais” (LUZURIAGA, 1968, p.238).

Dentre os métodos ativos, destacaram-se os centros de Interesse de Ovide Decroly e o Método de Projetos de Kilpatrick. No Brasil, esses métodos começaram a ser difundidos a partir da década de 20 do século XX e, gradativamente, foram introduzidos nas reformas da Instrução Pública

Ovide Decroly (1871-1932) defendia que a criança aprende através do caráter global de captação da realidade, por isso o trabalho escolar deveria partir de suas necessidades: alimentar-se, respirar, limpar-se, lutar contra os perigos, de lazer etc. Assim, os centros de interesse (idéias-eixo) respondiam às necessidades fisiológicas, psicológicas e culturais da criança. O método era trabalhado em três etapas: observação, associação e expressão.

em diversos estados, inclusive em Sergipe, respondendo aos anseios liberais que se fortaleciam no contexto nacional.

Os chamados métodos ativos, pautados na idéia de atividade, remontam a **Rousseau, Pestalozzi** e Froebel, porém são sistematizados pelos idealizadores da Escola Nova e, na nova agenda educacional do final do século XX e início deste novo milênio, o paradigma educacional emergente pressupõe a superação das barreiras entre as disciplinas na incorporação de um sentido global (como queriam os escolanovistas) ou interdisciplinar, como querem os educadores atuais.

Ver glossário no final da Aula

O alemão Friedrich Froebel (1782-1852) foi um dos primeiros educadores a considerar o início da infância como uma fase de importância decisiva na formação das pessoas - idéia hoje consagrada pela Psicologia, ciência da qual foi precursor. Froebel viveu em uma época de mudança de concepções sobre as crianças (leia na página 60) e esteve à frente desse processo na área pedagógica, como fundador dos jardins-de-infância, para menores de 8 anos. O nome reflete um princípio que Froebel compartilhava com outros pensadores de seu tempo: o de que a criança é como uma planta em sua fase de formação, que exige cuidados periódicos para que cresça de modo saudável. http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0190/aberto/mt_123078.shtml

Um século se passou e muitas mudanças ocorreram em vários aspectos da vida social, especialmente por conta do crescente processo de globalização e internacionalização da economia e das tecnologias da comunicação e da informação, porém, persiste a idéia de que é preciso estabelecer relações mais coesas entre a escola e a realidade sócio-cultural, ressignificando as experiências escolares. Nesse novo contexto, a visibilidade dada à Pedagogia de Projeto ultrapassa o caráter técnico-metodológico do seu nascedouro, para se caracterizar como uma postura pedagógica cujo princípio educativo é a interdisciplinaridade.

A escola, como já afirmamos, é convocada a participar deste processo de formação, superando os velhos esquemas didáticos e disciplinares em favor de um currículo integrado, construído de “núcleos que ultrapassam os limites das disciplinas, centrados em temas, problemas, tópicos, instituições, períodos históricos, espaços geográficos, grupos humanos, idéias, etc” (SANTOMÉ, 1998, p.25).

A Pedagogia de Projetos traduz um conceito de educação que nos permite uma reflexão sobre a aprendizagem e o ensino, de modo que os alunos analisem “os problemas, as situações e os conhecimentos em sua globalidade, utilizando, para isso, os conhecimentos presentes nas disciplinas e sua experiência sócio-cultural” (LEITE, s/d:10). O que se pretende é uma prática pedagógica que gere necessidades de aprendizagens e, neste caso, as disciplinas são “instrumentos culturais” para ajudar os alunos a refletir sobre temas e resolver problemas.

Nestas circunstâncias, a Pedagogia de projetos permite, por meio da participação ativa do aluno, vivenciar as situações-problema, refletindo sobre elas e tomando atitudes diante dos fatos, formando conceitos e valores, competências básicas a serem construídas na escola básica” (PERRENOUD, 1999). Seria a formação de “cabeças bem-feitas” em vez de cabeças bem cheias, como salienta Morin (2000), pois o “cidadão do próximo século precisará ser um investigador e gerenciador de informações, consciente e ativo na sociedade, e não um acumulador de conhecimentos, cujo papel hoje é desempenhado pelo computador” (BARREIRA, 2000, p.07).

Neste sentido, a Pedagogia de Projetos se justifica em função da compreensão de que o aluno aprende vivenciando sentimentos, tomando atitudes, refletindo diante dos fatos e escolhendo estratégias para agir diante de situações problemáticas. O ensino deixou de ser privilégio exclusivo do professor, pois caminhamos para uma sociedade de aprendentes cujo motor do processo são as tecnologias da informação e da comunicação.

Hernandéz (1998) enfatiza que os projetos de trabalho correspondem a uma forma de organizar os conhecimentos escolares, em que se dá a compreensão dos problemas investigados. Isto implica assumir uma postura pedagógica que vê o processo educativo como uma prática cultural enraizada nas descobertas científicas e nos avanços das tecnologias da informação e da comunicação. Prática, esta, envolta em saberes e dizeres de diferentes grupos sociais que confrontam pontos de vista e trabalham de forma cooperativa, norteados por um tema-problema que precisam estudar/investigar/responder.

O cuidado que devemos ter ao trabalharmos nesta perspectiva é o de não reduzirmos as questões educacionais aos aspectos pedagógicos e psicológicos, assumindo a Pedagogia de projetos sem uma discussão mais ampla dos princípios educativos que queremos abraçar. Se não trabalharmos a construção do conhecimento na escola dentro de uma perspectiva histórico-cultural, estaremos reduzindo a educação, novamente, como fizeram os escolanovistas e os tecnicistas, a um conjunto de métodos e técnicas de adaptação do indivíduo à sociedade. Desse ponto de vista, estaremos assumindo os projetos de trabalho como uma técnica ou uma metodologia, sem incorporar, de fato, as contribuições da Ciência atual, transpondo disciplinas e vivenciando uma postura pedagógica interdisciplinar.

Por isso, na hora de organizar o trabalho pedagógico, é tão importante responder: Em que contexto sócio-cultural ocorre o ensino que realizamos? Será que este tipo de sociedade em que vivemos efetiva a prática docente considerada “ideal”? Se não, que tipo de sociedade gostaríamos de ajudar a construir? Que tipo de homem/mulher é necessário ser formado para atender às necessidades e aos interesses dessa sociedade considerada “ideal”? Em que acreditamos como educador? Essas e outras questões respondidas podem nos levar a operar mudanças significativas em sua ação

de professor, comprometendo-se com os interesses e necessidades dos seus alunos. Gostaríamos de ressaltar, ainda, que a tarefa de preparar um projeto pedagógico não é tão simples como nos parece, pois exige uma reflexão constante do nosso fazer pedagógico.

POR QUÊ – PARA QUÊ - Ao pensarmos na educação escolar, precisamos ter clareza dos nossos objetivos, da finalidade da prática educativa que desejamos desenvolver.

O QUÊ (conteúdos escolares) - Se considerarmos a educação como uma prática social e cultural, os conteúdos trabalhados em sala de aula devem estar vinculados aos interesses e necessidades do professor e de seus alunos. O importante é que a escolha dos temas/situações-problemas nasça do diálogo entre você e seus alunos. São assuntos que emergem do cotidiano, das alegrias e tristezas, dos conflitos, das experiências de trabalho, do lazer, do folclore, da religiosidade, da música, da poesia, da literatura etc. Enfim, eles devem partir de sua realidade e da de nossos alunos, motivando-os a investigar, refletir, pensar, ler e escrever a respeito do que estão estudando.

COMO - Quais são as atividades que iremos desenvolver?

Quando se trata de Pedagogia de projetos, pensamos em uma nova postura pedagógica que implica uma compreensão mais ampla do conhecimento, resignificando o espaço escolar para a formação de sujeitos ativos, reflexivos, críticos e criativos, mediante situações problematizadoras que exigem ação-reflexão-ação na busca de respostas e soluções.

Há várias denominações para essa prática, com projetos na atualidade:

- como método, com etapas definidas, utilizada desde os anos 20 do Século XX e na atualidade, fazendo uso do computador tal qual um conjunto de conhecimentos pelos quais se chega ao saber, mas não se pode fixar, previamente, todos os detalhes do caminho a ser percorrido (PAIS, 2002).
- como postura pedagógica, uma mudança de pensar e repensar a escola, a prática pedagógica e os espaços escolares (AMARAL, 2000).
- como Projetos didáticos, entendidos tal qual uma metodologia, um método. Exigem a definição de etapas, formalmente organizadas e depende do interesse prévio dos alunos para a sua realização. (ARTEIRO, 1998).
- como pedagogia de projetos, ampliando conceito de projetos temáticos usados pela escola. Exige estudos mais aprofundados através de investigação e pesquisa, levantamento de hipótese, depuração e análise (NOGUEIRA, 2004).
- como projetos de trabalho, através de uma concepção de educação e de escola que permite a abertura para os conhecimentos e os problemas que vão além do currículo básico. “Para insistir em que não se trata de uma metodologia didática, e sim de uma maneira de entender o sentido da escolaridade baseada no ensino para a compreensão” (HERNÁNDEZ: 1998, p.86).

Optamos por chamar de projetos pedagógicos, tentando sintetizar aqui essas visões: como uma concepção de teoria e prática educativa, norteada pelos princípios da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade que possibilitam a (re)construção dos conhecimentos de forma criativa, crítica e global, próxima à idéia de Hernández (1998). Trata-se de uma visão de totalidade, em que o conhecimento é construído usando sensações, emoções, razão e intuição. E é nestes ambientes educativos que as tecnologias da informação e da comunicação assumem papel singular, como espaço de construção de novas agendas culturais e de novas estratégias de ensino e aprendizagem.



Antes de entrarmos nos projetos colaborativos pela internet, vamos mostrar alguns trabalhos feitos pelos alunos da graduação presencial e em cursos de capacitação de elaboração.

EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS COM PROJETOS PEDAGÓGICOS

Estes exemplos foram frutos de elaboração de projetos coletivos na graduação da UFS, envolvendo alunos de diferentes licenciaturas, durante a realização da disciplina Introdução às Tecnologias Educacionais.

IMPRESSOS: JORNAL, REVISTA

Publicação: Escola Estadual Olga Barreto; Escola Estadual Professora Maria Hermínia Caidas; Escolas Reunidas 08 de maio.
Produção: Disciplina Fundamentos de Tecnologia Educacional
Coordenação e Redação: Elizabeth Ingrid Luzinete Márcia Valdirene



RÁDIO



O rádio é um poderoso meio educativo, pois apesar de não vivermos mais na “era de ouro do rádio” (anos 1950), temos uma cumplicidade com ele: “Dirigir, ler, trabalhar (em casa, no escritório, nas lojas do shopping, no corte de cana, na lavoura...) tomar banho, correr na praia, descansar, enfim, quase todas as nossas atividades podem ser embaladas ao som desse bom e velho companheiro” (Silva, 2000, p.155). Os alunos também produziram programas de rádio versando sobre temas transversais, preconizados nos PCNs, ligados a questões sexuais e ambientais.

Todo o processo de criação era dos alunos: definição do tema, pesquisa sobre este meio de comunicação, elaboração do roteiro, criação de vinheta e, com a ajuda de um técnico de laboratório de rádio, o programa era editado, contando com o apoio do Centro Audiovisual da UFS (CEAV). Em seguida, os licenciandos iam até uma escola, executavam o programa, discutiam o conteúdo do programa com as crianças e avaliavam a sua produção.

TV, VÍDEO

Um dos aspectos importantes da Educação é a leitura de imagem, especialmente da televisão como meio de comunicação de massa e que hoje já está integrada à informática.

Trata-se, portanto, da leitura de imagens gráficas, sonoras, audiovisuais e da aprendizagem dos elementos que a compõem. Essa leitura é mapeada pelas experiências, pela memória e pelo marco cultural e contextual do indivíduo, variando, portanto, de sociedade para sociedade. Nesse caso a imagem recria a realidade e deve servir de instrumento para o pensamento e para a reflexão (Marino; Matilla, 1989.)

A importância de se trabalhar com a TV na formação de professores tem sido objeto de vários programas do MEC desde a década de 1960, quando o sistema televisivo chegou ao Brasil, como vimos na Unidade II. Entre 2003 e 20004, houve um curso de capacitação de professores a distância: “TV Escola e



os desafios de Hoje”, que procurou atender um grande número de professores em serviço.

Até agora se tem falado apenas da imagem que inunda o mundo e que nos leva a uma pedagogia do consumo repetido de imagens. É preciso ampliar e aprofundar a reflexão sobre a questão da produção individual (ou em pequenos grupos) da imagem, quer como produção amadora ou profissional. Esse talvez seja um ponto de virada na questão da pedagogia da imagem: passar da condição de consumidor para a de criador (TV Escola: 2000.24).

Os alunos eram convidados não só a elaborar projetos pedagógicos de uso de programas de TV ou de Vídeo na sala-de aula, mas a produzi-los também. Alguns desses projetos foram publicados em (SOUSA, 2004).

Sabemos o quanto é importante para o professor o domínio da linguagem da TV e os modos de compreendê-la, já que estamos submetidos, constantemente, a imagens, sendo educados ou deseducados por elas. A TV fala aos sentimentos, mexendo com os nossos instintos, nossas fantasias e desejos. Seu poder de sedução é muito grande, ao combinar múltiplas formas de linguagens como imagens, falas, músicas, escritas, numa narrativa que flui e cujas mensagens subliminares captamos de forma não consciente. Cabe, pois, ao professor, no uso da TV Escola, ser o mediador entre as mensagens da TV e a sua recepção/interpretação pelos alunos, exigindo o conhecimento de ambos: a TV e os seus destinatários.

Assim, aprofundar e explorar a compreensão dos programas de TV, numa espécie de releitura criativa e seletiva, entendendo os gêneros televisivos com suas características e conteúdos aproximativos que se organizam em:

- formas fundamentais de diálogo: entrevistas, debates, mesas-redondas;
- telenovelas (novelas, minisséries, seriado, caso etc);
- telejornal;
- transmissão ao vivo (programas de auditório);
- Vídeo-clip (fusão de som e imagem).

É possível aprender através de programas de TV que não são produzidos para educar, unindo-se entretenimento e aprendizado, mas percebendo que não recebemos as mensagens passivamente, e sim as elaboramos conforme nossa visão de mundo e nossos interesses.



A produção de vídeo foi uma experiência largamente utilizada na elaboração de projetos pedagógicos. Abordaremos, a seguir, dois vídeos. O primeiro, “A dualidade da luz”, produzido pelo aluno Tiago Neres, que à época era licenciando em Física; e o segundo, “Mussuca: resgate de uma cultura afro-brasileira”, dos então licenciandos em Pedagogia: Claudinês Barbosa Lima, Débora Lima Menezes, Euéliton de Melo Santos, Maracy Pereira Maruá e José F. dos Santos.

Eles seguiram passos similares aos anteriores: definiram o tema, pesquisaram, elaboraram o projeto, acrescentando o roteiro de vídeo, coleta de imagens, seleção e editoração, muitos deles com o apoio do CEAV.



ROTEIRO

Apresentador- introdução (50”)

O Brasil, durante vários séculos, recebeu milhares de negros, trazidos a força de sua África natal. Aqui chegando, eram submetidos às piores humilhações impostas pelo regime escravagista.

A dor e o sofrimento suscitaram-lhes o desejo de liberdade, levando-os a desenvolver múltiplas formas de resistência. Na luta pela liberdade,

formaram os quilombos, primeiros territórios livres da América que tinham governo autônomo, onde era possível desenvolver seus costumes e crenças.

O povoado Mussuca, localizado no município de Laranjeiras, é um exemplo típico de comunidade remanescente de quilombos. Com 2.050 moradores, sendo quase 100% deles afrodescendentes. Desses, todos têm parentesco com negros escravos.

Comentário da presidente da Associação de Desenvolvimento Comunitário do povoado Mussuca sobre a formação e a origem desse povoado. (1 minuto)

Apresentador – faz um comentário sobre os elementos culturais mais evidentes. (20”)

“Os moradores do povoado se orgulham de sua cor e tentam preservar sua cultura. Hoje, os elementos culturais mais evidentes são os grupos de São Gonçalo do Amarante, Samba de Pareia e Samba de Coco, tendo em comum a religiosidade, principalmente nas letras das canções”.

Primeiro a imagem do apresentador, depois a sua voz com imagens de fundo sobre quilombos (recortes de um filme, figura de revistas ou fotos), imagens do município e música que lembre a cultura africana.

Imagem da pessoa que está fazendo o comentário.

Imagens dos três grupos folclóricos.

Comentário da primeira dança. (1’,10”)

A dança de São Gonçalo é uma manifestação folclórica de origem portuguesa que no Brasil está ligada às tradições católicas rurais, com o seu aparecimento datado de 1718. São Gonçalo assumiu em vida a missão de converter prostitutas. Para tal tarefa, costumava tocar viola e dançar.

A dança existe com o objetivo de pagar promessa a São Gonçalo do Amarante, embora, também seja executada na procissão do Dia dos Reis e em festividades ligadas ao folclore. Essa dança é realizada para pagamento de promessa de defuntos que morrem sem ter cumprido suas obrigações com o santo. Além da dança, existe todo um ritual que compreende ensaios, almoço e cortejo. Deste fazem parte os dançadores, os tocadores, o patrão, que é o chefe, e a mariposa, a mulher que carrega um pequeno barco com a imagem do santo.

O pagamento de promessa estende-se por todo o dia. Dançam na

capela, no cemitério e na casa do promesseiro, realizando todo o ritual que liga o mundo dos vivos ao mundo sobrenatural.

Comentário de um componente do grupo que se apresentou. (30'')

Comentário da segunda dança (15'')

O grupo do Samba de Pareia é formado por oito mulheres que, como o próprio nome sugere, dançam aos pares. O grupo se apresenta 15 dias após o nascimento de uma criança, quando há a meladinha. Enquanto os componentes do grupo dançam, as pessoas bebem cachaça para festejar a vinda do recém-nascido.

Imagens da apresentação do grupo com a voz do narrador.

Imagens da apresentação do grupo sem a voz do narrador. (1'30'').

Imagens da pessoa que está fazendo o comentário.

Imagens da apresentação do grupo com a voz do narrador.

Imagens da apresentação do grupo sem a voz do narrador. (1'30'')

Comentário de um componente do grupo que se apresentou. (30'')

Comentário da terceira dança (40'')

O Samba de Coco é canto e dança de origem africana, intimamente ligados à formação dos quilombos, mas com alguma influência indígena. As palmas, e principalmente os sapateados, são seus pontos fortes. Na época da escravidão, os negros costumavam cantar para passar o tempo enquanto executavam o ritual da quebra de coco, dele retirando a “coconha” (amêndoa), para o preparo dos alimentos.

O tirador de coco, também chamado de coqueiro, é quem tira os versos, que são respondidos pelo coro geral dos participantes. Os versos podem ser tradicionais ou improvisados e aparecem nas mais variadas formas, como: quadras, sextilhas décimas e outras mais. O canto é marcado por instrumentos de percussão, como: cuícas, pandeiros, ganzas, bombos, tambores, chocalhos, maracás e zabunbas que acompanham a sanfona.

Conclusão – (20'')

Laranjeiras é o referencial da identidade do negro em Sergipe, pois foi

nesse município que se construiu a história de seus ancestrais. Mussuca é uma comunidade negra tradicional e uma das principais para a construção da memória da população negra no Estado. É um exemplo da descendência negra que ainda preserva a sobrevivência de sua cultura.

Duração: aproximadamente (10”).

Imagens da pessoa que está fazendo o comentário.

Imagens da apresentação do grupo com a voz do narrador.

Imagens da apresentação do grupo sem a voz do narrador. (1’30”).

Imagens do narrador, imagens dos três grupos folclóricos, do povoado e apresentação dos créditos com fundo musical.

MULTIMÍDIAS/ SITE

Semelhante ao trabalho desenvolvido pelos profissionais da TV e vídeo, os alunos que trabalharam com multimídias também tiveram a sua produção. Eles definiram um tema elaboram um projeto e traçaram o desenho dos sites (design), com os seus respectivos links, puseram o material no ar e trabalham-no em uma escola que dispunha de laboratório de informática. Foram também construídas páginas (sites) sobre temas pesquisados (já fora do ar), e multídia, a exemplo do Rio São Francisco.

Esses exemplos apresentados nos dão o indicativo das diferentes possibilidades de construção de um projeto pedagógico em sala de aula, mas, certamente há ricas experiências de outros projetos colaborativos realizados em rede. Esse é o grande desafio. Esperamos que você e seu grupo de trabalho cheguem apenas à etapa de preparação e elaboração do projeto, sem a obrigatoriedade de executá-lo.

Como você pôde observar, o estudo a distância exige-lhe independência, autonomia e criatividade no processo de construção de conhecimento. Mas, além disso, é importante falar com o outro (alunos, professores e tutores), trocar idéias, não é preciso ser um estudo solitário. Pois depois de várias formas de diálogos e debates sobre temas específicos com seus colegas e tutores certamente você eliminará suas dúvidas e buscará novas formas de estudo e de pesquisa.



Seu desafio é fazer a primeira etapa de produção de um projeto a distância, com o apoio da tutoria e dos próprios colegas. Temos certeza de que farão um bom trabalho.

Observe o trabalho de multimídia dos alunos de graduação, intitulado “Velho Chico”. (ver endereço eletrônico site)



Vamos ajudá-lo a pensar na construção de um projeto coletivo!

ESCOLHA DO TEMA-PROBLEMA

Hernandéz (1998) nos diz que é preciso escolher um tema-problema que facilite a análise, a interpretação e a crítica. Esse tema-problema pode ser sugerido pelo professor/tutor ou pelo aluno. Como estamos trabalhando com muitos alunos, sugerimos que este surja dos temas transversais preconizados pela Lei de Diretrizes e Base da Educação: ética, saúde, trabalho e consumo e educação sexual.

Cada um destes temas será constituído em um Fórum de debate, para que os alunos possam adentrar no diálogo sobre temas transversais, pedagogia de projetos etc. Cada aluno escolherá um desses temas, que serão organizados em Fóruns de debate. Assim, a princípio, teríamos cinco fóruns em que os alunos iram levantar subtemas, reagrupando-se em outros grupos, conforme os temas transversais relacionados.

Por exemplo, suponhamos que 20 alunos queiram trabalhar com o tema Meio Ambiente. No Fórum, levantam várias questões, como: o “aquecimento da Terra e o impacto no meio ambiente”, “a poluição dos rios e a vida nas regiões ribeirinhas”, “a transposição do rio São Francisco e as conseqüências para o sertão sergipano” etc. Certamente que cada um desses temas poderá agrupar um número menor de alunos para realizar a atividade. O desafio é que se juntem alunos de diferentes cursos para pensar o tema e assim podermos trabalhar o projeto em sua natureza interdisciplinar.

DEBATE SOBRE O TEMA ESCOLHIDO: ELABORAR UMA JUSTIFICATIVA

Escolhido o tema-problema, os membros do grupo dialogam a respeito da construção de uma justificativa que explicita o porquê, o para quê e para quem esse teste-projeto-temático será destinado (desenvolvido). Suponhamos que a escolha do nosso exemplo foi sobre a transposição do rio São Fran-

cisco. O grupo explicará, através de um texto escrito, a relevância de estudar este tema no contexto atual, com o propósito de levantar possibilidades de reflexões e ações entre os alunos de determinada série ou faixa etária com os quais o projeto será desenvolvido. Além disto, deverá explicitar o tipo de mídia a ser planejada pelo grupo para o desenvolvimento do projeto.

ELABORAR OBJETIVOS

Em seguida, já tendo escrito a justificativa, os alunos deverão pensar em um objetivo geral (tipo guarda-chuva) a ser atingido no desenvolvimento do tema e outros objetivos específicos que dêem conta das diferentes áreas de saberes a serem trabalhadas em relação à referida questão.

Gostaríamos que você elaborasse um projeto de produção de uma mídia ou multimídia, visando aos alunos da Escola Básica (ensinos fundamental e médio). Assim, poderia pensar um projeto de elaboração de um jornal, boletim, programa de rádio, vídeo, multimídia, site, entre outros, utilizando o tema debatido, preferencialmente da área em que você irá se graduar (História, Física, Geografia, Matemática, Letras Português), mas sem perder de vista a possibilidade de se trabalhar na perspectiva interdisciplinar, com alunos dos diferentes cursos.

METODOLOGIA

Decidido o que será feito, você deverá escrever os passos ou etapas para alcançar o objetivo proposto, bem como sua utilização em sala de aula.

AVALIAÇÃO

Apontar a forma como o grupo avaliou esse trabalho construído coletivamente e inserir no Diário On-line suas impressões e o projeto construído.

ENCERRANDO NOSSA CONVERSA...

Nesta etapa, encerramos nossos estudos, esperando que você tenha aproveitado os conteúdos apresentados nesta aula e trabalhado em todas as atividades propostas. Ainda gostaríamos que incluísse em seu Diário On-line não só uma avaliação sobre o seu desempenho nesta disciplina, mas também apontasse os pontos positivos e negativos a respeito do material que produzimos. Sua opinião é muito importante para melhorarmos a qualidade do impresso e das aulas virtuais.

Um abraço
Neide e Flora.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ana Lúcia. Um olhar sobre os projetos de trabalho. **Salto para o futuro; um olhar sobre a escola**. Secretaria de Educação a distância. Brasília: Ministério da Educação, SEEd, 2000.
- ARTEIRO, Ana Lucia. Projetos didáticos. **I Encontro norte/nordeste de educadores (resumos)**. Centro de convenções de Pernambuco, 20 a 21 de novembro de 1998.
- BARREIRA, Karla Vignoli Véigas. 2000Projetos de Trabalho. Um novo caminho por um mundo novo. **Linha Direta em Revista**. Minas Gerais:Publicação Mensal do SINEPE, Ano 2.
- BELLONI, Maira Luiza. **Educação a distância**. São Paulo. Autores Associados, 1999.
- BOMFIM, Jaqueline Oliveira; SILVA, Maria Neide Sobral da. O impacto das novas tecnologias da informação e da comunicação: um estudo nas séries iniciais do Ensino Fundamental. In: **Caderno de Educação**, v. V, Fascículo 3, São Cristóvão: Editora UFS, 2003.
- DEWEY, John. **Vida e Educação: John Dewey**. Tradução e estudo preliminar por Anísio Teixeira. 10ª Edição. São Paulo: Melhoramentos: [Rio de Janeiro}: Fundação Nacional do Material Escolar, 1978.
- FERREIRO, Emília; TEBEOSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Leichtenstein, Liana di Marco e Mario Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. SP: Paz e Terra, 1997.
- FARIA, Maria Alice & ZANCHETTA, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal escolar**. SP: Editora Contexto, 2002.
- GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. IN: FERREIRA, Valfredo de Sousa (org.) IN: **Educação: novos caminhos em um novo milênio**. João Pessoa: Autores Associados, 2001.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: Os projetos de Trabalho**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- LEITE, Lúcia Helena A. A Pedagogia de Projetos em questão. **Reflexões sobre a prática pedagógica na escola plural**. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, s/d.
- LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução Carlos Irineu da Costa. 6.ed. SP: Editoras 34, 1978.
- _____. **O que é virtual?** Tradução de Paulo Neves. 8 ed. São Paulo: Editora 34, 2007.
- LUZURIARA, Lorenzo. 1968. **Pedagogia**. Tradução e Notas Lólio Lourenço de Oliveira e J.B. Damasceno. 5ª Edição. São Paulo: companhia Editora Nacional.

- MARINO, Roberto Aparici e MATILLA, Augustín García. **Lectura de Imagens**, 2ª Edição. Madrid:Ediciones de La Torre, 1989.
- MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: EUFAL, 1999.
- MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. São Paulo: Papirus, 1997.
- MORIN, Edgar. 2000. **A Cabeça Bem-Feita: repensar e reformar, reformar o pensamento**. Tradução Elóia Jacobina. RJ; Bertrand Brasil.
- NEDER, Maria Lúcia Cavalli. A educação a distância e a formação de professores: Possibilidades de mudança paradigmática. In:PRETI, Oreste (org.). **Educação a Distância: sobre discursos e práticas**. Brasília: Líder Livro Editora, 2005.
- SILVA, Maria Neide Sobral da. **Fundamentos da prática pedagógica em EAD**. Aracaju-SE, 2007.
- NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia de projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das Múltiplas Inteligências**, 3. ed. São Paulo: Editora Érica, 2004.
- OLIVEIRA, Renato da Silva. **Minidicionário compacto de informática**. 2. ed. São Paulo: RIDEEL, 1999.
- PAIS, Luiz Carlos. **Educação escolar e as tecnologias da informática**. Belo Horizonte: Autentica, 2002.
- PAPERT, S. **Do caos à inteligência artificial**. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1984.
- PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. 1998. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Tradução Cláudia Schilling. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.
- SILVA, Maria Neide Sobral da. Formação do professor: Pedagogia de Projetos e as Tecnologias da Informação e da Comunicação. In: **Revista Práxis**. n. 3. Vitória da Conquista: Edições Uesb, nov. 2007.
- SILVA, Maria Neide Sobral da. Educação a distância no contexto atual: notas para uma reflexão. In: **Revista Candeeiro**. Ano 2, vol. 3. São Cristóvão: ADUFS-SSIND, out. 1999.
- SILVA, Ynary Joana da. Meios de comunicação e educação. O rádio, um poderoso aliado. In: CITTELLI, Adilson (coord.). **Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos e informática**. SP: Editora Cortez, 2000.
- SOUSA, Rita Barbosa (Org.). Encontro Pedagógico: “A qualidade de vida do educador”. Anais. Universidade Federal de Sergipe/Secretaria Estadual da Educação e Cultura. Aracaju: UFS/SEED, 2004.
- TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE; CURSO DE EXTENSÃO PARA PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

DA REDE PÚBLICA UNIREDE E SEED/MEC. Coordenação de Leda Maria Rangearo Fiorentini e Vânia Lúcia Quintão Carneiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

VALENTE, José Armando. O uso inteligente do computador na Educação. NIED - Universidade de Campinas. Disponível em: < <http://www.proinfo.gov.br> > Acesso em 24 de jan. de 2002.

VYGOTSKY, I.S. **A formação social da mente**. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Oliveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GLÓSSARIO

Instrução programada : Skinner (1904-1990) inventou uma máquina de ensinar para ajudar as crianças a superarem suas dificuldades de aprendizagem. A idéia foi aplicada à Educação com a chamada Instrução Programada:

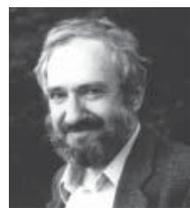
- apresentação do conteúdo em seqüências curtas, em perguntas simples;
- o aluno responde uma pergunta de cada vez, verificando, de imediato se errou ou acertou;
- Pense e pesquise...



Piaget : Jean Piaget (1896, em Neuchâtel, 1980 em Genebra - Suíça) foi um renomado psicólogo e filósofo suíço, conhecido por seu trabalho pioneiro no campo da inteligência infantil. Conheça mais a respeito de Piaget acessando o site www.psicopedagogia.com.br/biografia_jean_piaget.htm.



Lev S. Vygotsky : Nascido em 1896, morou e viveu na Rússia, foi o primeiro psicólogo moderno a sugerir os mecanismos pelos quais a cultura torna-se parte da natureza de cada pessoa ao insistir que as funções psicológicas são um produto de atividade cerebral. Saiba mais sobre esse psicólogo acessando o site www.psicopedagogia.com.br/personalidades/personalidades/vygotsky.shtml



Papert : Seymour Papert é matemático e é considerado um dos pais do campo da Inteligência Artificial. Além disso, ele é internacionalmente reconhecido como um dos principais pensadores sobre as formas pelas quais

a tecnologia pode modificar a aprendizagem.
www.din.uem.br/ia/a_correl/iaedu/biografia.htm.



Para pensar... : Hoje, usa-se indiscriminadamente o termo interatividade como se fosse a mesma coisa de interação.
 Você percebeu a diferença?

Ostracismo : Substantivo masculino

1 Rubrica: história.

Na antiga Grécia, desterro político, que não importava ignomínia, desonra nem confiscação de bens, a que se condenava, por período de dez anos, o cidadão ateniense que, por sua grande influência nos negócios públicos e por seu distinto merecimento ou serviços, se receava que quisesse atentar contra a liberdade pública.

2 Derivação: por extensão de sentido.

Exclusão de cargo público ou político

3 Derivação: sentido figurado.

Ato ou efeito de repelir; afastamento, repulsa.

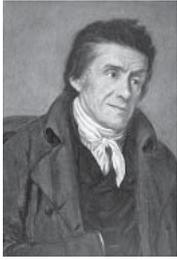
Hipertexto : Recurso muito usado em apresentações de multimídia para tornar a leitura de textos interativa. Neles palavras ou símbolos estão interligados com outros textos. Quando aparecem na tela do monitor, essas palavras ou símbolos são diferenciados através da cor, tipo de letra, sublinhado ou outro recurso visual. (Oliveira, 1999, p.139)

Multimídia : é o termo usado para caracterizar sistemas informáticos que se utilizam de sons e imagens e que permitem grande interatividade com o usuário. (OLIVEIRA, 1999, p. 211).

Hipermídia: Recurso presente em apresentações de multimídia e que permite ao usuário acessar rapidamente várias informações encadeadas entre si clicando com o mouse sobre determinadas regiões da tela. (Oliveira, 1999, p.139)



John Dewey : (1859-1952) nasceu em Burlington, no Estado norte-americano de Vermont. A filosofia deweyana remete a uma prática docente baseada na liberdade do aluno para elaborar as próprias certezas, os próprios conhecimentos, as próprias regras morais. Quer saber mais acesse o site http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/159_fev03/html/pensadores.



Pestalozzi : Johann Heinrich Pestalozzi nasceu em 1746 em Zurique, na Suíça.

Ao contrário de Rousseau, cuja teoria é idealizada, Pestalozzi, segundo a educadora Dora Incontri, “experimentava sua teoria e tirava a teoria da prática”, nas várias escolas que criou. Pestalozzi aplicou em classe seu princípio da educação integral — isto é, não

limitada à absorção de informações. Quer saber mais, acesse o site http://novaescola.abril.uol.com.br/index.htm?ed/171_abr04/html/pensadores